



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

1 DE JANEIRO DE 1966
ANO XXII — N.º 569 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Aniversário

Vinte e seis anos se completam.
O Nome Santíssimo de Jesus
vai para vinte séculos. E hoje, como
ontem, como amanhã,

*«nada se canta mais suave,
nada se ouve mais feliz,
nada se pensa mais doce,
do que o Nome de Jesus».*

O Mistério de Jesus! Para o
homem Ele é o «Desejado» — De-
sideratus cunctis gentibus. Mas,

*«nem a língua é capaz de dizer,
nem a letra é capaz de exprimir.
Só quem experimenta pode saber
o que é amar Jesus».*

E ainda depois da
experiência, depois do
encontro que nos con-
fere a posse dEle, per-
manece em nós a inca-
pacidade de dizer, de
exprimir... Sim,

*«Jesus é a esperança para os que
querem mudar de vida.
Tão piedoso para os que Lhe
suplicam!*

*Tão bom para os que O pro-
curam!*

*— O que não será para os que
o encontram?!»*

O que não será...?

Só o que experimenta pode sa-
ber. Só esse pode irradiar... e ser a
centelha que desperte em outros o
frenesim de O cantar, a delícia de
O ouvir e de O pensar e a ânsia
de O encontrar.

Desideratus cunctis gentibus...
Não há excepção. Todo o homem O
deseja, ainda que muitos não sai-
bam que sim. Estes andarão inquie-
tos até que O encontrem. Mas só
O encontrarão quando começarem
a amá-LO. O amor é experiência
que, repetida, repetida, leva à ple-

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Hoje só me apetece lamen-
tar o frio de amor manifestado
na ausência de presenças ge-
nerosas. Estamos nos dias de
Natal e o correio quase nada
nos tem trazido e nos lugares
do costume pouco tem ficado.
E isto vai sendo regra.

Os 100 filhos que temos de
abrigar, alimentar, vestir, cal-
çar e educar queixam-se. Os
nossos amigos do centro do
país, e especialmente os da ci-
dade de Coimbra têm-se esque-
cido muito de nós, embora quei-
ram encher-se de vaidade
por Pai Américo começar a
sua Obra em Coimbra. Mas
como Pai Américo tinha ra-
zões para três anos depois se
lamentar deste abandono e

cantar o acolhimento do seu
querido Porto!...

Não fechamos as portas, e não passamos muita fome e frio,
porque trabalhamos muito na venda de «O Gaiato», no campo e
nas oficinas e habituámo-nos a viver com pouco e nos aparecem
Amigos, alguns da primeira hora, que sempre acodem aos nossos
gritos.

Continuam gravados na nossa alma a memória e o amor de
sempre daquela Senhora que há um mês se apresentou a Deus
cheia de méritos, embora can-
sada da vida terrena. Nunca
nos esqueceu e deixou-nos,
como última lembrança, um
envelope com dez notas de
mil escudos. Que o Senhor a
tenha em Paz.

TRIBUNA DE COIMBRA

cantar o acolhimento do seu

querido Porto!...

Não fechamos as portas, e não passamos muita fome e frio,
porque trabalhamos muito na venda de «O Gaiato», no campo e
nas oficinas e habituámo-nos a viver com pouco e nos aparecem
Amigos, alguns da primeira hora, que sempre acodem aos nossos
gritos.

Continuam gravados na nossa alma a memória e o amor de
sempre daquela Senhora que há um mês se apresentou a Deus
cheia de méritos, embora can-
sada da vida terrena. Nunca
nos esqueceu e deixou-nos,
como última lembrança, um
envelope com dez notas de
mil escudos. Que o Senhor a
tenha em Paz.

— Tu e eu; somos nós todos.
Peço ao Senhor, Deus de
Amor, o amor, a alegria e a
paz para todos nós; amor, ale-
gria e paz, frutos do nosso
amor a Ele nos irmãos.

Padre Horácio

Visado pela

Comissão de Censura

Vai neste número do nosso
aniversário o breve testemunho
de um irmão vosso que confessa
a sua grande riqueza: um filho.

Todos estes vossos encontros
com a beleza e a felicidade que
proporciona uma Família bem
alicerçada em Cristo — a «pe-
dra angular» de toda a constru-
ção que se ergue para a Eter-
nidade — deixam-me também
encantado e feliz.

Não foi ainda há muito tempo
que eu almocei no lar de um
dos nossos recém-casados. Tudo
ali respirava simplicidade e ter-

Cartinho DOS RAPAZES

nura. Uma casinha muito alegre,
discreta em tudo e arranjada
com muito gosto; e provida,
mesmo, de adornos e utensílios,
prendas que a bondade dela
explica.

Na salinha um pequenino bar.
Ao mostrarem-me a casa, no
quarto deles, ela segredou-me
que renunciara ali a um móvel
para lhe dar a ele a alegria do
seu bar. Parece até uma nota de
luxo que um gaiato nos ofereça
um aperitivo antes do almoço...
Quem dera que todos soubessem
aspirar ao aconchego daquele
lar e se dispusessem de longe a
realizá-lo com a simplicidade e
a proficiência destes noivos.
Tudo foi certo no namoro deles.
Tudo foi certo no seu noivado.
Tudo está certo na sua casa. Não
há ali nada demais, nem mesmo
tudo o que é dispensável —
porque tudo isto significa uma
escolha, uma renúncia a muitas
coisas, efêmeras gozadas a solo,
em troca do conforto que sou-
beram desejar e sabem ter, os
dois, a par.

Mas a vida não é somente
estes momentos de beleza!
Quanta contradição a gente não
topa ao longo dela!

Dias antes fora solicitado por
a mulher de um outro que foi

Continua na QUARTA página



Os olhos do Nuno Henrique — filho do «Quim Carpinteiro» — são uma imagem da juventude da «Obra da Rua» no limiar do seu 27.º ano.



Auto-Construção

Na base deste movimento estarão sempre os Auto-Construtores. Muitos perguntam e tornam a perguntar quanto é que o Estado dá e mais o Governo Civil e mais a Câmara. Também aparece quem pergunte se os senhores Bispos dão. É sempre cómodo e tentador chamar os outros às responsabilidades. Para nós os direitos. A prova mais evidente do estatismo que continua a avançar, sob o nome dos mais diversos regimes políticos não está tanto em o Estado vir, mas em nós chamarmos por ele. E chamamos por ele para tanta, tanta coisa! Para a instrução dos nossos filhos; para o tratamento dos nossos doentes; para a venda dos nossos produtos; para a defesa da moralidade; para a educação dos nossos jovens e para muitas coisas mais. Tudo isto se passa em quatro tempos: Primeiro não agimos com decisão; segundo chamamos directa e indirectamente o Estado; terceiro criticamos a acção da autoridade; quarto revoltamo-nos e desejamos novas organizações sociais e novos chefes públicos. Também em muitas terras se espera tudo dum rico ou dum casa de tradições. Têm-nos dito muitas vezes: Naquela terra tal senhor ou tal senhora é que podem. A mentali-

dade é a mesma: Os outros têm os deveres, os outros têm os encargos, os outros têm as possibilidades, as responsabilidades e, por fim, as culpas. Para nós os direitos, as vantagens. Auto-Construção não pode viver assim, não quer viver assim. Quer ser revolucionária à sua maneira. Não julga que os outros podem dar sem receber. Vistas bem as coisas no plano humano receber sem dar é roubar. O Estado só poderá ser rico quando os cidadãos forem trabalhadores. Auto-Construção quer o sacrifício e não enjeita a Cruz. A sua sorte está, primeiro, nas mãos dos Auto-Construtores; depois na compreensão e na ajuda dos seus Amigos que queríamos pertencessem a todas as classes sociais. Se não houver autênticos Auto-Construtores que compreendam o papel da colaboração, da economia, do sacrifício não haverá Estado nem políticos que possam substituí-los. Quando eles cumprirem fielmente, heróicamente, aparecerão verdadeiros Amigos e o próprio Estado também marcará presença.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Quando se reza com Fé ao Senhor, pedindo-Lhe o pão de cada dia, é mais que certo, que não nos falta com ele — e eu que o diga! Se não vejamos: — Da R. António Cândido, em Lisboa, uma grande quantia para o que mais necessário for. Vai ser para o conserto do nosso aparelho de Rádioscopia, que tem de ser composto na Holanda, e que nos fica em 13.200\$00. Quem vem mais com a sua ajuda?... É tudo a bem dos doentes que vêm ao nosso lindo consultório. Já agora ficam também a saber, que temos um médico que vem duas vezes por semana, e outro uma vez por mês, este com a especialidade de dentista. Trabalhando um e outro, somente a bem dos necessitados. Do Anónimo de Lisboa, temos recebido mensalmente os 100\$00, que se destinam a agasalhos para o Calvário; já mandei a primeira remessa de cobertores e mantas. Para Viseu, foi uma echarpe; Avó de Moscovide, pediu-nos uma echarpe para Senhora e temos recebido também a oferta mensal. Casais dos Penedos, uma earpete de lã, tiras e 1 chale; Guarda, 6 chales dos pequenos, encomenda de



todos os anos, Lisboa, 5 casas de bebê, 1 colcha em lã e algodão e uma passadeira em tiras de riscado. Temos outra feita, mede 1,5 m. por 0,50 cm. de largo, custa 195\$00. Quem a deseja?... Vai na volta do correio. Coimbra, 2 chales. Para o novela de lã, do senhor Major de Lisboa, temos recebido todos os meses a sua oferta. Bem haja pela sua persistência. Alpendurada, 1 chale. Para o senhor João F. da Silva, também em Lisboa, 12 chales. Moçambique, 4 colchas em lã e algodão para cama de casal, e uma mais pequena, e deixou mais encomendas. Lisboa, outra capa. Ois da Ri-

beira — Agueda, 2 chales. Porto, 1 avental, 1 lençol e 2 combinações de flanela, estas, destinadas ao Calvário. Vila Nova de Gaia, 1 chale. Carregado, 1 chale. Para a Creche Dr. Porfírio d'Andrade — Valbom, 48 camisolas, e temos outras tantas encomendadas. Coimbra, 1 capa. Da Póvoa de Varzim, 50\$00 para a reconstrução da casa incendiada, e outro tanto de Lisboa, para o mesmo fim. Anónimo 20\$00; R. de Moçambique, 1 chale. Torres Vedras, 1 colcha, 2 tapetes, 1 capa para criança, 1 par de soquetes para dormir e 1 camisola de senhora. Recebi o vale para o pagamento desta encomenda. Rosário, Alentejo, 1 capa. Novamente Lisboa, 4 chales. Beira, 1 manta em tiras de nylon, 1.000\$ de Inglaterra, para agasalhos a enviar ao Calvário, e Lar do Gaiato. (Conferência). Para o senhor Fernando Madureira, na Nazaré, vai um muito obrigado das nossas tecedeiras, devido à sua valiosa ajuda. Elas este ano não tiveram férias forçadas! Por tudo, demos graças a Deus.

Maria Augusta

Nota da Quinzena

Do Alentejo chegou-nos esta carta:

«Realizou-se no passado dia 21 uma «Tarde musical» no

Salão da Casa do Povo a favor da vossa maravilhosa Obra.

O produto da festa foi de Esc: 523\$00 que mandei hoje em vale postal.

Este pequeno donativo tem como fim mostrar um pouco o reconhecimento da vila de Grândola a V. as Rev. as pela maneira como têm tratado o nosso conterrâneo Avelino Teixeira Cortes.

Longe, pedimos a Deus por ele e por todos vós.

Em nome de todos os grandolenses e em meu próprio, muito e muito obrigado».

É tão inédita na nossa vida uma nota destas, que não podia deixar de registá-la como Nota — de raro sabor.

Quanta nobreza, quanta delicadeza, não estão no princípio que operou aquela «Tarde musical»! É todo um sentido de solidariedade que se revela: O Povo de uma vila sente como feito a si o bem de que usufrui um dos seus cidadãos menos relevantes. E vem agradecer — agradecer com obras, que tem valor dobrado.

Por sobre o montante lucrado naquela «Tarde musical», quanta semente de bem não se espalhou, durante ela, pois certamente foi chamada a atenção dos que menos conheciam, o foi actualizado o conhecimento dos que há mais tempo o tinham, para uma Obra que está servindo Grândola na pessoa de um

pequenino grandolense. Que beleza!

E o Avelino, por ora cidadão bem pouco relevante na sua terra natal, mas que poderia vir a sê-lo nos caminhos do mal — não foi um caso que alguém seu conterrâneo arrumou. O Avelino não é um enjeitado. O Povo da sua terra quer-lhe. Alegra-se com o seu bem. Agradece a quem lho faz. E previne o futuro: «Longe, pedimos a Deus por ele e por todos Vós».

Este o nosso grande lucro daquela «Tarde musical»: uma prece que sobe muitas vezes até ao Pai Celeste, por nós, que somos pobres e pecadores.

Quanta nobreza, quanta Caridade!... E, também, quanta justiça! Pois não foi porque alguém daquela terra soube da «Obra da Rua», que nasceu para o seu pequeno conterrâneo a solução da sua carência de família? Não será, então, um acto de justiça, dar agora a conhecer a Obra a mais, para que a amenem a ajudem?!

Não foi ainda há muito tempo que uma vila do Centro do País reagiu semelhantemente à vinda para o Calvário de um pobre filho seu. E em pouco tempo engrossou bastante o número dos assinantes de «O Gaiato» naquela terra

É justo pois o que esta Nota regista. É justo, é belo, é nobre! É consolador pelo sentido de fraternidade humana que tal gesto exprime. Só é pena que seja tão singular!

ANIVERSÁRIO

nitude do amor, à consumação da delícia. E então, a língua permanece incapaz, mas a alma canta. O e irradia.

São assim «os apaixonados de Cristo. Podem não ter carismas sensíveis, nem os olhos e os ouvidos dos primeiros Apóstolos, mas são da mesma paixão e gastam-se, como eles, em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo».

Esta palavra de Pai Américo é o seu retrato. E é o retrato da sua Obra.

Por isso vinte seis anos que são? E outros vinte seis e outros e outros?... A juventude da Obra será à imagem e semelhança da Pedra Angular sobre que se funda. É a con-

Cont. da PRIMEIRA página dição dos que escondem o seu nome no Nome d'Ele: «A minha alma teve sede do Teu Nome, Senhor». «E todo o que O invocar será salvo».

O tempo vai rolando e nós vamos ganhando a sabedoria do sacrifício de Pai Américo: Por que preço não terá pago os carismas que o Senhor lhe deu! Quão caro lhe não terá custado o avanço de umas dezenas de anos sobre o seu tempo!

Hoje, que passou, Pai Américo é mais moderno do que nunca. Quantos caminhos por que ele se bateu audaciosamente, a Igreja vem consagrando! Caminhos que foram

julgados atrevidos, e dos quais há bem pouco escreveu um Padre Conciliar: «Se S. Francisco hoje tornasse ao Mundo, para ser o Cristo dos nossos tempos como foi o Cristo da Idade média, não escolheria, por certo, para salvação do Mundo actual, outros diferentes destes. Eles respiram o oxigénio forte e sadio do Monte das Bemaventuranças, como irradiam o fogo de alta tensão do Cenáculo, desde o Lava-pedes à Doação Eucarística, ao Mandamento Novo, à súplica para que todos «sejam um como Nós somos Um».

Que Pai Américo guarde lá no Céu estas palavras que o compensariam se ele não estivesse já infinitamente compensado do seu sacrifício. E que no-las vá ministrando como estímulo, pouco a pouco, para que os anos passem e nós passemos, mas permaneça a Obra, facho que nos legou, em toda a pureza de Lumen Christi.





OBRAS: — «Como vai a Casa-Mãe?» — É a pergunta de quase todos os dias, nos encontros da rua. O interesse cresce à medida que a Obra vai caminhando para o fim. A expectativa é grande. Há mãos erguidas a agradecer a hora em que a primeira Casa da Aldeia esteja pronta, para receber mais filhos sem ninguém. Eles são tantos à espera!

Os que antes duvidavam, agora acreditam. Já se fala do «milagre» da Obra da Rua. E a dúvida que pairou em alguns dá lugar à certeza. É, na verdade, possível a realização de grandes coisas, quando os homens acreditam e se dão as mãos. Recordo a interrogação posta por alguém, de muita responsabilidade, a quem mostrei o plano de conjunto da Aldeia para os 160 rapazes: — Será possível realizar isso? Já tem o dinheiro? — Naquela hora, tínhamos tudo o que julgámos necessário para responder que sim, menos o dinheiro.

E a Casa-Mãe aguarda o tecto. A padaria, lavandaria, celeiro e garagem, na hora em que lerdes estas notas, esperam-no também. A oficina de Carpintaria dá os primeiros passos de modo a estar pronta quando chegarem as máquinas que já embarcaram. A seguir virá a Serralharia. Depois, não pararemos.

Entramos na fase mais dolorosa, os acabamentos, o recheio. Se até aqui a tua presença foi necessária, a partir de agora é-o também. Precisamos de tudo. Já dei voltas pelas Casas da especialidade. Não lhes tenho pedida que nos dêem, porque não é possível a todas, mas que não queiram ganhar dinheiro conosco. Precisamos de tintas; precisamos de mosaicos; precisamos de azulejos, de lavatórios, de camas para os «batatinhas» e para a enfermaria... Não temos nada.



RÚSTICO DA ENTRADA PRINCIPAL DA CASA-MÃE DE BENGUELA

Temos recebido muito dos pequenos aos olhos do mundo. Eles vão passar: 2 sacos de cimento, dentro de um envelope. Ajoelha comigo, à passagem deste pai de 8 filhos, que nos entregou um vale para levantar 10 sacos, num armazém da cidade. Um anónimo vem com 5.000\$00. Casal nosso conhecido com 2.500\$00 e tanta discreção; miúgas recolhidas no Lobito em várias casas, deram 440\$00 e esta carta: «junto envio esta

quantia para a nossa querida Obra. Avante, não desanimemos, todos estamos convosco». Em Casa, 100\$00; 250\$00 de mãos amigas e mais 100\$00, prestação mensal; outros 100\$ do Cubal; 1.000\$00 de J. D. A. e 500\$00 de P. e I. de Benguela. Mais sofrimento, mais sangue: «Junto a esta vão 100\$00, de uma promessa que prometi de 500\$00 à Casa do Gaiato, se meu marido se empregasse. E Deus fez-me esse «milagre». E, agora, segue um cortejo: 2 carraças de brita, mais 3 camionetas de tijolo, 150\$00 de um anónimo; 50\$00 mais 20\$00. Mais dois sacos de cimento, na rua e 1.000\$00 da C. B. Outros mil, em Casa, 2.000\$, de quem muito nos tem ajudado e 500\$00 mais 500\$00 de dois amiguinhos do Lobito. A A. I. P. B., oêgra os nossos rapazes com outros 500\$.

P.e Manuel António



O Menino Jesus de Belém ainda só vai fazer 7 anitos neste Natal de 65. Digo vai fazer porque estou a escrever estas breves palavras, caros Benfeitores, no 4.º Domingo do Advento. Mas, quando elas caírem sob os vossos olhos, já o nosso Menino Jesus terá feito os 7 anitos.

O Menino Jesus de Belém... está aqui representado nas nossas queridas Belenitas. Elas constituem e tornam permanente em Belém o presépio vivo da primeira hora.

O Menino Jesus de Belém vai fazer 7 anitos... Quem se lembrará do seu aniversário?

«O que fizerdes a um dos mais pequeninos, é a Mim que o fazeis»...

Tremenda realidade esta da presença de Cristo em todos e cada um dos membros do Seu Corpo Místico. Tremenda para os egoístas, mas consoladora para todos os que verdadeiramente O amam e Lho querem provar por obras. Sendo aceite e vivida pelos Homens, operosa e viva de caridade envolveria e transformaria a face da Terra.

Natal de 65, as almas cristãs vão festejar-Te em forte vibração e renovada ânsia de mais e melhor. São já os ecos do Concílio Vaticano II a repercutirem-se nas almas. Não só os Cristãos mas toda a Humanidade ergue, esperançada, os olhos para o Jesus pequenino reclinado no Presépio, ansiosa da Paz por Ele prometida a todo o Homem de boa vontade.

Virgem da Espectação, Mãe de Jesus e Mãe dos Homens, será que em alguma outra época da História estiveram os pobres filhos de Eva mais estreitamente unidos a Ti, desejando e esperando a vinda do Messias, do Salvador? Creio que não! Este é já o princípio do triunfo do teu Coração Imaculado, que prometeste em Fátima.

A ânsia de mais e melhor, fomentada em toda a Igreja pelo Concílio Ecuménico, o vivo desejo de um mundo novo, alicerçado na Justiça e na Caridade, à luz do Evangelho, fazem-nos aprofundar o sentido das palavras do Percursor, que clama:

«Preparai o Caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. Todo o vale será cheio e todo o monte e outeiro será arrasado, os maus caminhos serão endireitados, os ásperos tornar-se-ão planos, e todo o homem verá o Salvador enviado por Deus».

Senhora da Esperança, Mãe de Jesus, Mãe da Igreja e nossa Mãe, não esqueças, nesta hora grande, as Belenitas, irmãs de Jesus o tua filha. Acolhe-as sob o teu manto. Recomena-as à guarda de José, teu Esposo. Não deixes que se apartem do teu Jesus. E que elas tenham parte na hora grande que passa...

Jesus, Maria e José, será nossa também a Vossa Festa de Família, que contamos preparar e solenizar o melhor possível. Será dia de acção de graças pelo muito que das vossas mãos temos recebido e ocasião de mais um acto de fé na misericórdia divina, que nunca abandona os que confiadamente se lhe entregam.

Padre Luiz

I N E S

Aquí, LISBOA

ESTE número de «O Gaiato» sai no primeiro dia do ano e precisamente na véspera do dia do Santíssimo Nome de Jesus, pedra angular sobre a qual assenta a «Obra da Rua». Uma e outra datas são de molde a reflectirmos um pouco mais detalhadamente sobre as nossas responsabilidades e os propósitos que nos devem animar em 1966.

Isto de ter à nossa conta 120 Rapazes é tarefa de monta que nos poderá causar enorme embaraço se não tivermos Fé. Não basta prover ao sustento dos estômagos e vestir os corpos, apetrechar as oficinas e construir edifícios. Se não conseguirmos formar Homens equilibrados, de corpo e alma sãos, será o gorar de toda a finalidade das Casas e a frustração dos desígnios de Deus e da confiança esperançosa de todos Vós. Somos fracos e pobres, dizemo-lo conscientemente e sem falsas modéstias.

Por isso vos pedimos orações fervorosas. As batalhas vitoriosas supõem uma rectaguarda vigilante e organizada. Com a vossa ajuda estaremos aptos a enfrentar as dificuldades, pois Aquele cujo Santíssimo Nome é Jesus, afinal, muito vulnerável e sensível é às nossas petições, quando feitas com humildade.

Os objectivos a atingir neste novo ano, ora começado, podem sintetizar-se numa só palavra, como noutras ocasiões temos escrito: servir. Servir por amor de Deus e dos Rapazes, fazendo nossas estas belíssimas expressões de Pai Américo: «Por amor do Rapaz eu sofro. Desejaria libertá-lo. Dizer a cada um quem ele é, quanto vale e o que pode». Que o Senhor nos ajude a ter profunda disponibilidade para as moções da Sua graça.

NA altura em que escrevemos manifesta-se, mais uma vez, de modo impressionante, a misericórdia do Alto para com todos nós. As visitas multiplicam-se. Caras novas e caras do costume, estas a revelarem uma perseverança admirável. Dois exemplos, entre tantos outros: Pai e Filha com o bacalhau do costume e alguém com os 500 habituais e os doces da melhor qualidade. Os primeiros recordam, à maneira de mensagem saudosa, os seus queridos Mortos; o segundo diz vir em «peregrinação». Louvado seja Deus!

O «Batatinha» com os seus 9 anos, pediu-me, um dia destes, uma carta para escrever. «Escrever a quem?» — perguntámos. Calou-se. Ele tem visto a escrever a alguns companheiros, vê um ou outro

receber a sua correspondência. Portanto, nada mais natural desejar corresponder-se. É humano. Mas corresponder-se com quem, se é orfão de pais e nunca recebeu qualquer correio? Apeteceu-nos enviar-lhe uma carta e fá-lo-emos no dia de Natal. Quem nos dera poder colmatar todas as brechas afectivas e de outros teores, que fazem o desequilíbrio de uma personalidade, impedindo o seu perfeito desabrochar!

ELE tem 13 ou 14 anos. O pai abandonou-o há muito. É uma criança simpática mas difícil. Costuma fazer o bigode com a nossa máquina de barbear para não trazer a cara «suja»... Tendo recebido um saco com frutas e bolos, entregou à Senhora da cozinha «duas bananas para o senhor padre». Não tínhamos apetite naquele dia, mas, tomando conhecimento da oferta, comemos vagarosamente uma banana ao jantar, saboreando à laia de meditação. Ao outro dia comemos a segunda banana e, se possível, melhor nos soube. Partilhámos com todos vós esta intimidade para saboreardes a lição. Um abandono a atestar da injustiça do sen abandono e a testemunhar discretamente da nobreza da sua alma. Onde é que está o «lixo» de que tantas vezes falamos? Senhor, dá-nos forças para querer cada vez mais aqueles que nos confiastes.



PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

O doente quando encaminhado para lugar onde se sinta bem, não lastima tanto a sorte do seu viver, aparentemente sem razão de ser. Mas tem grande validade para eles e para os que não sofrem as enfermidades físicas de tantos. E, sendo assim, o «Calvário» tem sido o refúgio de tantos que eram vítimas de pouca prova de amor do próximo.

E sendo homens com alma é que se olha para eles e tantas vezes se tem o desabafo: «Coitadinho. Para que é que Deus permite isto?»

Muito conscientes da situação em que se encontram dizem: «Deus é quem manda. Se Ele assim o quer faça-se a Sua Vontade!»

Também os há por aí tão desprezados e tão lançados no abandono, que já nem confiam nas pessoas bem intencionadas. E, tantos deles assim, que preferem viver e morrer, não como homens com alma criada para a Eternidade, mas sim como animais.

O «Calvário» tem sido um vasadouro autêntico neste sentido. Feitos, modos bruscos e brandos, defeitos e virtudes. Calma e ansiedade. E tantas coisas mais que muitas vezes nem vendo se acredita. Mas Deus assim o permite. E quer com certeza que o «Calvário» exista. Para ser o refúgio do doente abandonado e dar testemunho do Seu Poder, a todos aqueles que por vezes andam tão longe de realidades tantas vezes tão dolorosas para o seu modo de ver e sentir. Deus há-de continuar a proteger todos aqueles que têm Confiança, e, encaminhar também os desprotegidos para lugar onde possam aguardar o dia do resgate final!

No alvorecer de 1966 passa mais um aniversário a «Obra da Rua». Obra de combate ao abandono. E duros que têm sido por vezes! As vítimas salvas... almas resgatadas! E a messe é grande...

Manuel Simões

Nesta data renovamos o pedido ao Senhor que mande bons e fortes operários para a Sua «Obra da Rua». Para que através dela aumentem as almas e famílias salvas da miséria!

Por agora basta de vos magar, caros amigos.

Para finalizar os doentes do «Calvário» desejam a todos vós as maiores felicidades no ano de 1966. E que aumente a confiança de todos no Pai Comum. E a certeza de que vos pagará 100... por um e a Eternidade.

Realmente assim parece que nós não valemos nada só somos a Cruz dos outros a dar despesa e maçada.

Aquele cedro d'outrora que foi Cruz do Redentor é guardado em relicários como prenda de valor.

Nós somos a Cruz dos outros verdade à vista sem véu, por isso cuidando de nós estão a ganhar o Céu.

Juntou-se aqui no Calvário o sofrimento e a pobreza esperando as vossas migalhas e restos da vossa mesa.

A nossa confiança está em Deus e nos benfeitores. em troca nós vos pagamos com orações, penas e dores.

VIRGINIA

MALANJE

Foi no dia oito de Dezembro. Ao levantar-me abro a janela do meu quarto, e encaro com a manhã, fresca, linda, um sol brilhante, parecia-me, um dia diferente de todos os outros.

Na verdade, este dia para mim não se igualava a mais nenhum. O Dia da Mãe. Quantas e quantas mães, por esse mundo fora, celebraram com alegria as poucas horas desse dia.

Parecendo-me vê-las rodeadas pelos filhos, dando-lhes beijos carinhosos e até o seu sorriso. Ao olhar para mim, lembrei-me também da minha, que há 17 anos partiu deste mundo deixando-me para sempre, levando consigo seus beijos e seus sorrisos.

Quantos não se encontrarão por esse mundo fora sem um só sorriso da sua querida mãe. Muitos, não têm conta. Se entre esses muitos, alguns sobressaem, quantos sofrimentos, e quantos trabalhos suas mães passaram para os verem felizes, não deixariam suas casas e seus lares, abandonando suas mães, estragando assim a sua vida na boémia. Pobres mães que passam sua vida no sofrimento só por má compreensão de seus filhos ou por ingratidão de seus maridos.

Também nós comemoramos o Dia da Mãe, começando com a Santa Missa na Capelinha simples e modesta da nossa quinta. Fomos para a cidade onde almoçamos também em conjunto. A Emília foi entregue um belo quadro da Sagrada Família oferecido em nome de todos os presentes. À tarde e perto do rio Quige fizemos o nosso pequeno magusto; também não faltou uma pinga de vinho para empurrar a saborosa castanha assada. O dia acabou com a bênção na Capela do Paço.

Assim o Dia da Mãe parecia terminado, mas não: No silêncio da noite, à uma hora da manhã, Emília teve mais uma filha.

Manuel de Sousa Cardoso

que a nossa azeitona fosse toda deitada ao chão ontem, o que aliás não se verificou e portanto hoje, embora esteja frio, lá andamos de novo à volta dela e... agora vai!...

Mesmo assim como a malta andava entusiasmada, os filhos não se deixaram de fazer. Foi um lance um pouco diferente dos outros dias. Comeu-se e bebeu-se e então as filhas caíram como um figo.

DIA DA MÃE — O dia 8 de Dezembro (pela última vez) é o dia em que de um modo especial pedimos à nossa MÃE do Céu pela mãe, que temos na terra.

Este dia para nós foi todo ele cheio de entusiasmo, de manhã até à noite. Na véspera, à noite, reunimo-nos na nossa Capela onde fizemos uma Celebração Litúrgica.

No dia 8 de manhãzinha, um dia fúndu de sol convidou-nos a levantar e alegremente fomos dar os Bons-dias ao Senhor que já nos esperava na Capela. A Missa, cantada pela primeira vez em português, quatro dos nossos fizeram a sua Comunhão Solene, a sua primeira Comunhão. Foram eles o «Cantante», Diamantino, «Risonho» e «Alentejano». A túnica branca com que iam vestidos era um sinal palpável da candura da sua alma. Foram eles que nesse dia ajudaram à Missa. Que todos os dias sejam para vós como esse, são os votos dos vossos irmãos gaiatos.

Para lhes tornar o dia ainda mais alegre foram dar uma voltasita e já de volta alguém lhes ofereceu uma prendasita e por acaso bem feitosa.

Mas a mãe que temos cá em casa também não foi esquecida. À noite oferecemos-lhe uma lembrançasinha que lhe foi entregue pelo Toninho, o mais pequerrucho dos nossos bataitas.

E TUDO O VENTO LEVOU — Outro dia a trave do nosso campo voou pelos ares. Ela já estava muito apodrecida mas naquela hora mandaram-lhe com a bola de couro, foi um remate daqueles à Fura-redes e ela, coitadita, foi-se abaixo. Mas isto não obsteu a que no recreio disputássemos uma bela partida de futebol. Quais formigas em volta dum bocado de boroa, todos nos atirámos à trave com pregos, martelos, malhos, escadas e

com uma coragem capaz de derrubar leões. Só sei dizer que em coisa de cinco minutos a trave pôs-se no sítio e o jogo recomeçou.

António Ferreira da Silva

Correspondência de família

«Só hoje me foi possível dizer algo da minha vida.

Recebi há dias resposta do m/ assunto. Conto, segundo informaram, embarcar no próximo mês ou em Fevereiro. Mandaram tratar dos respectivos papéis e cá ando eu atarefado com os ditos. Minha Esposa, óptima. Meu querido filho, idem. Muito gordinho e nós todos bem. Gozam de saúde todos? Que Deus os ajude como para mim tem olhado, pois sou imensamente rico: um filho. O seu

Joaquim Moreira»



Uma Carta

«Foi o vosso «Famoso» que levou os funcionários deste pequeno serviço a cotizarem-se para mandarem qualquer coisa por mês à Casa do Gaiato. Acontece que nem sempre nos lembramos de comprar o jornal que lemos, quando nos cai nas mãos, com todo o interesse e simpatia, não só pelo que tem de calor humano como também pela sua verdade corajosa e sem artificios. Faz bem lê-lo porque é um pouco de fogo de Caridade Cristã neste tempo congelante de egoísmo.

Por isso atrevemo-nos a pedir a V. R.* que, se for possível, no-lo envie.

Os Amigos da Comissão Arbitral de Assistência de Lisboa»



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

MIRANDA DO CORVO

AZEITONA — Todos sabem que nesta época do ano, o que toda a gentinha do campo faz é ocupar-se da azeitona, onde a há. Alguns dias atrás, eu falei-vos das nossas oficinas e nada vos disse acerca do campo. Pois a agricultura, em nossa casa, é também uma oficina e das mais importantes. A ela se dedicam o Luís, o Pascoal e o Abóbora. Quando é preciso, o Castelhinho que é o padeiro (ou qualquer coisa parecida) dá uma ajuda.

Mas quando há aperto de serviço, como agora, não é só um, ou dois que vão ajudar, somos todos: desde os bataitas até aos matulões das oficinas. É uma autêntica mobilização geral.

A azeitona é, como a vindima, uma faina alegre; talvez um pouco menos do que esta porque o tempo também não ajuda.

Assim, da primeira que apanhámos, escolhemos alguma para curtir, até enchermos duas tulhas dela. A outra juntou-se à que andamos a apanhar agora, sendo esta levada para o Lagar da Cooperativa, a fim de dar bom azeite.

Com um ranchito, ou antes, um ranchão como o nosso, não é para admirar que a azeitona esteja ao fim. Com efeito, o Sr. P.e Horácio e grande parte da malta tinha esperança de

Cantinho dos Rapazes

Cont. da PRIMEIRA página

nosso, que esteve bem e devia estar assim, se não perdera a cabeça, numa vida para que não tinha base — e a não mantivesse perdida numa vida que não tem rumo. Ela, abandonada com os seus filhos pequeninos, precisando de trabalhar, pedia-me que lhe guardasse o rapazinho. Não chegou a ser preciso, que alguém lho tomou. Mas que desgosto não seria a Obra receber o filho de um seu filho, que não aprendeu no destroço da sua família de origem a dor que nunca deveria repetir, destroçando a família dos seus filhos. Pois destroçou. Ele continua

por lá... Ela, trabalhando, para os seus filhos. Que Deus a guarde e lhe dê coragem. Mas se fizesse uma tolice, quem teria o direito de lhe atirar pedras?...

Quadros que a vida nos oferece! Contradição de que a vida é feita. Ai a tendes, a abrir-vos os olhos; a despertar-vos ao desejo do melhor; a estimular-vos a uma boa escolha.

Que Deus vos abra à aceitação da Sua ajuda. E, com bar ou sem ele, possais oferecer-nos, amanhã e sempre, o vinho generoso de um lar onde a amizade feita de inteligência e de renúncia seja o instrumento realizador da unidade, que é já aroma da perfeição que permanece.